

FEIRA DE CIÊNCIAS NUMA PERSPECTIVA ACADÊMICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA BOLSISTA

Área Temática: Educação

Coordenadora da Ação: Marfa Magali Roehrs¹

Autores: Mayara Júlia Silva do Nascimento², Edmilton Gusken³, Marfa Magali
Roehrs.

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência na condição de bolsista num projeto de extensão, com objetivo de apresentar minhas percepções sobre as oportunidades/potencialidades na participação como acadêmica bolsista na organização de uma Feira de Ciências, entendendo nesse processo a formação de professores para a educação científica e exposição de trabalhos investigativos. Como parte da comissão organizadora, apresenta-se um olhar sobre a vivência num espaço diferenciado de formação acadêmica, através da extensão, e a percepção sobre o potencial da Feira de Ciências ao aluno expositor. O cenário de análise neste relato refere-se a Feira de Ciências no ano de 2016, realizado em dois espaços: na Unemat em Diamantino e Unemat em Barra do Bugres/MT. A vivência deu-se na preparação, organização e realização de atividades, interações com professores universitários de diferentes áreas e universidades, e com professores da educação básica. Na condição de acadêmica bolsista extensionista nesse projeto de Feira de Ciências, viver a universidade além da sala de aula tradicional, ampliou a formação e percepção reflexiva sobre o que e como se aprende.
Palavras-chave: Experiência extensionista, vivência universitária, espaços de aprendizagem

1 INTRODUÇÃO

Com a velocidade que são produzidos e alterados os conhecimentos científicos, tem-se que um grande desafio para a educação moderna, especialmente em países de menor desenvolvimento científico. Isso porque esses países são responsáveis pela educação da maior parcela de jovens do planeta, com maior índice demográfico.

Ter acesso a conhecimentos científicos possibilita a mudança de concepção de ciência e tecnologia, do processo de construção e uso. E isso passa pela

¹ Coordenadora do Projeto de Feira de Ciências. Professora na UNEMAT, campus de Barra do Bugres/MT. Doutora em Ciências de Educação – marfali_@hotmail.com.

² Bolsista de extensão. Acadêmica no curso de Engenharia de Produção Agroindustrial, Universidade do Estado de Mato Grosso – mayarajulia0296@gmail.com.

³ Departamento de Matemática e Engenharias, Universidade do Estado de Mato Grosso/Barra do Bugres - gusken@unemat.br.

educação. Segundo Tardif e Lessard (2014, p.249), “ensinar não é, tanto, fazer alguma coisa, mas fazer com alguém alguma coisa significativa”:[...]. A criação de um ambiente favorável a promoção de discursos sobre o progresso científico e tecnológico evidenciam o caráter educativo que as exposições de trabalhos escolares em Feiras de Ciências apresentam.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN. p. 41), as atividades voltadas para a formação do aluno devem desenvolver competências que os estimulem a serem construtores dos próprios saberes dentro da realidade vivida.

Em meio a essa busca, têm se os projetos científicos, como um importante meio de favorecer a interação entre os diferentes conteúdos dentro das áreas de conhecimentos, e a articulação de novos conceitos e valores (BRASIL, 2001, p. 126).

Diferentes abordagens sob um mesmo problema investigado enquanto atividade escolar, contemplando o questionamento reflexivo, assume um perfil de formação política voltada para ações comunitárias cidadãs. Nóvoa (2014) sugere uma maior aproximação nas relações educativas/formativas da escola com as comunidades, tendo, para isso, a percepção de espaço público formativo também ampliado.

A exposição das produções científicas desenvolvidas pelos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em eventos como parte da Feira de Ciências, criam um importante espaço de desenvolvimento da cultura científica escolar. Os trabalhos apresentados, enquanto resultado de um processo de construção do conhecimento, favorecem o desenvolvimento da educação científica.

Durante minha formação escolar na Educação Básica, estudei em escolas que me proporcionaram participar de algumas Feiras de Ciências internas e externas à escola. Porém, só percebi o potencial de uma Feira de Ciências na formação do aluno, considerando as dificuldades, aprendizagens e a satisfação na realização/apresentação do trabalho ao público visitante, quando participei da equipe organizadora da Feira de Ciências em 2016, já como acadêmica e bolsista de extensão.

Este relato de experiência possui como objetivo, apresentar minhas percepções sobre as oportunidades/potencialidades na participação como acadêmica bolsista na organização de uma Feira de Ciências e seu potencial na formação do aluno expositor de trabalhos investigativos escolares.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A participação de atividades extraclasse ou que demandavam ações além das exigidas em sala de aula tradicional, não despertavam meu interesse, seja na educação básica ou já na Universidade. Durante o Ensino Fundamental e Ensino Médio minhas participações em Feiras de Ciências, limitavam-se à visita e, quando expositora, com trabalhos desprovidos do caráter de investigação e criticidade reflexiva.

Como acadêmica e bolsista num projeto de extensão, permito-me o desafio dessa experiência numa atividade desconhecida. Tinha a tarefa de assessorar a organização de momentos formativos de iniciação à educação científica para professores da educação básica. O intuito foi incentivar a prática investigativa escolar como estratégia de ensino. O resultado da orientação/mediação dos professores junto aos seus alunos em projetos investigativos culminou na Feira de Ciências de 2016.

Essa formação deu-se na forma de cursos de curta duração, oficinas e orientação, no período de março a dezembro de 2016. Participaram como ministrantes dos cursos e oficinas professores de diferentes universidades e estados brasileiros. Os encontros ocorreram no campus da UNEMAT em Barra do Bugres e em Diamantino. Os professores cursistas eram de escolas públicas estaduais de diversos municípios do entorno de cada campus-polo para essas formações.

A exposição dos trabalhos investigativos escolares foi realizada num período três dias, com abertura e exposição UNEMAT no município de Diamantino/MT e, posteriormente, em Barra do Bugres/MT. A equipe avaliadora dos trabalhos expostos constituiu-se de professores de diferentes estados e universidades brasileiras, todos com experiência em educação científica e Feiras de Ciências. A avaliação dos trabalhos era por seleção e não classificação.

Como bolsista, trabalhei na parte de assessoramento na organização e realização dos/nos momentos formativos e exposição dos trabalhos escolares na Feira de Ciências. O contato direto na parte de organização e execução de tarefas, exigiu de mim, em muitas situações, criatividade e tomadas de decisão imediata. Tive também a oportunidade de conhecer/interagir com professores de outros

campus, universidades e de formações diferentes.

Além disso, acompanhando a exposição dos trabalhos, percebi a satisfação dos alunos expondo e dialogando com visitantes e avaliadores o resultado de seus estudos.

Ao relatar essa experiência como bolsista extensionista e minha percepção sobre o potencial das Feiras de Ciências sobre os alunos expositores, num processo de reflexão, vejo-me frente ao desafio de uma situação para mim até então desconhecida. Desta forma, o relato contribui no suporte de políticas públicas para a formação universitária no tripé ensino-pesquisa-extensão, como também na abordagem sobre os espaços e formas de aprendizagem para a educação científica.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A vivência como bolsista de extensão modificou e ampliou o entendimento sobre Feira de Ciências, de simples exposição de trabalhos desprovidos de investigação e criticidade reflexiva, para resultado de um processo investigativo, de construção de conhecimentos, mediados e orientados pelo professor.

Desenvolver atividades junto à comunidade externa, e neste caso com professores da educação básica, rompeu com o estereótipo de que o acadêmico nada tem a contribuir para esse público, como também a de que professores sabem tudo. A observação fez-me perceber que professores também tem dúvidas, muitas vezes desconhecem conteúdos e procedimentos e, portanto, também precisam aprender. E, como acadêmicos, temos conhecimentos que podem ser compartilhados numa interação com professores.

Nesse entendimento de que sempre temos algo a aprender e a ensinar, a oportunidade de interação com professores doutores universitários, de outros estados brasileiros igualmente rompeu com a visão de “profissionais inacessíveis” a um acadêmico. Possibilitou a ampliação no olhar de oportunidades de formação em outras áreas de atuação profissional.

Como membro da comissão organizadora e executora da Feira de Ciências [desde a educação científica para professores até a exposição dos trabalhos investigativos escolares], exigiu e possibilitou a iniciativa e autonomia para ações e tomadas de decisão. Percebi limitações como entraves e dificuldades, mas também companheirismo de trabalho coletivo, perseverança e satisfação no trabalho feito.

Em relação a minha percepção do potencial da Feira de Ciências para o aluno

expositor, identifiquei na maioria deles a presença de atitude científica, trabalho em equipe, uso e produção de conhecimento científico e tecnológico, desenvolvimento e uso de competências e habilidades científicas e tecnológicas. A problematização crítica reflexiva de contextos e fatos favoreceu a iniciação à leitura freiriana de mundo. O professor orientador do trabalho do aluno o acompanhava, na função de observador e mediador no decorrer das exposições de resultados.

Com a interação e ampliação de meu conhecimento sobre projetos de pesquisa e extensão, desenvolvi uma visão crítica sobre a importância da realização dessas atividades. Observei como ações didáticas permitem que o aluno participe ativamente no contexto social onde vive, tendo a escola como promotora na sondagem de aptidões, numa formação integral, como prevê os objetivos da LDB 9.394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida enquanto bolsista universitária, fez-me atentar o quanto atividades extensionistas e de iniciação à educação científica podem fazer a diferença na vida acadêmica dos estudantes. A busca por dinâmicas diferenciadas e descobertas de ações para lidar com determinadas situações, estimula uma postura crítica-reflexiva, a formação de novos pesquisadores e o perfil profissional-cidadão do estudante, enquanto agente atuante no contexto social loco-regional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução*, português, matemática. Brasília: MEC, 2001.

MARTINS, V. A Lei 9.394/96 e a educação em valores: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no tocante à chamada educação em valores, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. WEB artigos, 2004. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1819/A-Lei-9394-96-e-a-educacao-em-valores>>. Acesso em 27 de abril de 2018.

SANTOS. A. B. Feiras de Ciência: Um incentivo para desenvolvimento da cultura científica. Rev. Ciênc. Ext. v.8, n.2, p.155-166, 2012.

TARDIF e LESSARD. Saberes docentes e formação profissional. 16. ed. Petrópolis: Vozes Limitada, 2014.